

Rituais de Interação na Vida Cotidiana: Goffman, leitor de Durkheim¹

Juarez Lopes de Carvalho Filho²

Resumo

Este artigo propõe uma exegese da filiação de Goffman à sociologia durkheimiana, relacionando duas obras: *Ritual de Interação* e *As Formas elementares da vida religiosa*. Ele acentua dois aspectos que estimamos presentes nos dois autores: os ritos e a sacralidade do indivíduo e a dimensão moral da vida em sociedade. Para Goffman, os ritos de interação são ocasiões de afirmar a ordem moral e social. Num encontro face a face, cada ator social busca fornecer dele uma imagem valorizada, a “face” ou “valor social positivo que uma pessoa reivindica efetivamente através da linha de ação que os outros supõem que ela adotou no curso do contato particular”. Em *Ritual de Interação*, Goffman critica sociólogos e antropólogos sociais que, tomando por objeto a significação simbólica da sociedade moderna a partir de Durkheim, não levaram em conta a noção de alma, presente nas *Formas elementares da vida religiosa*. Após identificar as influências intelectuais e científicas na formação do *habitus* e do *métier* sociológico de Goffman, o texto propõe-se a analisar noções como regras, alma, ritos, deferência e o porte, necessários para a compreensão da trama social na ordem da interação. Conclui-se expondo um quadro comparativo dos ritos tais como descritos por Goffman, decalcados a partir da tipologia durkheimiana. Espera-se que a leitura de Goffman à luz de Durkheim seja uma via de acesso à sociologia do primeiro, e uma forma de atualizar as contribuições do segundo na leitura da trama social da vida cotidiana.

Palavras-chave: Ritual de interação. Fachada. Regras. Ritos. Deferência e porte.

Introdução

O presente texto, como o título pode sugerir, não propõe uma análise completa do livro *Ritual de Interação: ensaios sobre o comportamento face a face*,

1 Uma primeira versão deste texto foi apresentada no 17º Congresso Brasileiro de Sociologia, em julho de 2015, em Porto Alegre, UFRGS-RS, no GT-34 Teoria sociológica. Agradeço ao seu coordenador, Prof. Dr. Carlos Eduardo Sell, por suas ponderações e observações, importantes para o estabelecimento desta nova versão. Sou igualmente grato aos pareceristas da Revista Política & Sociedade, pelas leituras atentas e as sugestões para a presente versão.

2 Doutor em Sciences Sociales et Économiques pelo Institut Catholique de Paris. Professor do Departamento de Sociologia e Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Atualmente é pós-doutorando na Université de Lorraine, Nancy, França.

do sociólogo canadense radicado nos Estados Unidos, Erving Goffman. Ele objetiva, a partir de uma leitura exegética, identificar a filiação de Goffman à tradição sociológica durkheimiana³. Se as citações que ele faz de Durkheim não são abundantes, elas indicam empréstimos importantes. Este texto acentua dois aspectos: *os ritos e a sacralidade do indivíduo* e a *dimensão moral da vida em sociedade*. Os ritos de interação para Goffman são ocasiões de afirmar a ordem moral e social. Num encontro *face a face*, cada ator social busca fornecer dele uma imagem valorizada, a “fachada” (*face*, em inglês) ou “valor social positivo que uma pessoa reivindica efetivamente através da linha de ação que os outros supõem que ela adotou no curso do contato particular” (GOFFMAN, 2011, p. 13-14). No livro *Ritual de interação*, Goffman critica certos sociólogos e antropólogos que tomando por objeto a significação simbólica nos estudos da sociedade moderna inspirados em Durkheim, não levaram em conta a noção de alma, presente nas *Formas elementares da vida religiosa*. As noções de *deferência* e *porte* que Goffman utiliza servem para apreender certos aspectos da vida secular e moderna no mundo urbano, no qual a pessoa se vê uma espécie de sacralidade através dos atos simbólicos. Essas noções traduzem as noções durkheimianas quanto à religião primitiva. Nas *Formas elementares da vida religiosa*, após examinar os princípios da religião totêmica, Durkheim estuda a noção de alma; para ele “assim como não existe sociedade conhecida sem religião, também não existe sociedade, por mais grosseira que seja a sua organização, na qual não se encontre todo um sistema de representações coletivas que se relacione com a alma...” (DURKHEIM, 1998, p. 343).

Para fins de embasamento da leitura que Goffman faz de Durkheim, faz-se necessário visitar outros elementos analíticos declinados no livro *Relation in Public*, que, em efeito, completa as análises de ritual de interação.

Neste artigo, apresentaremos em primeiro lugar, alguns elementos que justifiquem as influências intelectuais e científicas para a formação do *habitus* científico e a formação do *métier* sociológico de Goffman. Em segundo, a fim

3 Agradeço a Bertrand Masquelier (PhD em Antropologia), vinculado a Paris 3 Sorbonne Paris Cité, membro do Laboratoire de Langue et Tradition Orale (LACITO), na França, que foi meu professor, e com quem tive a ocasião de discutir algumas vezes sobre as dívidas intelectuais de Goffman em relação a Durkheim. As pistas que ele me forneceu, foram, aos poucos, estruturando essa pesquisa. Suas pesquisas, no campo da antropologia da interlocução, buscam estabelecer o lugar que a antropologia social acorda à linguagem (2005; 2015); notadamente, seus trabalhos sobre o Calypso de Trinidad y Tobago (2012) encontram inspiração no Goffman de *Façon de Parler (Forms of Talk)* que contribui para a antropologia da interlocução.

de perceber a relação estreita de Goffman com a sociologia durkheimiana, nos concentramos na exposição de algumas noções principais para o autor, como por exemplo: regras, alma, ritos, *deferência* e o *porte*, necessários para a compreensão da trama social da vida cotidiana, na ordem da interação social.

Espera-se com este texto contribuir com os esclarecimentos sobre as afinidades intelectuais de Goffman, sobretudo, em relação à sociologia de Durkheim. Postula-se que ler Goffman à luz de Durkheim é uma via de acesso à sociologia do primeiro, e uma forma de atualizar as contribuições do segundo, na medida em que a compreensão da ordem da interação social da vida cotidiana, explica a trama do mundo social. Esse exercício pode contribuir, em mais, para superar as clássicas divergências entre as perspectivas do macro e do micro nas análises sociológicas.

Goffman e a sociologia cotidiana

Muitos comentadores habitualmente classificam a sociologia de Erving Goffman na perspectiva da microssociologia. Isaac Joseph, sociólogo francês, especialista da Escola de Chicago e um dos difusores na França da sociologia goffmaniana, escreveu um pequeno livro intitulado *Goffman et la microsociologie* (1998). Neste livro o autor buscou apresentar alguns conceitos desta perspectiva sociológica. Ele definiu a microssociologia como uma sociologia das circunstâncias e a análise da organização social dos encontros como uma ordem de fenômenos sociais que tem sua história específica. Como o sociólogo francês, Goffman na obra *La mise en scène de la vie quotidienne: les relations en public* (2000)⁴, se contenta em “reunir as peças e os fragmentos da vida social contemporânea” (JOSEPH, 1998, p. 15).

A riqueza da obra de Goffman se situa, segundo Joseph, numa série de linguagens de exploração, sempre tomando emprestado das disciplinas vizinhas: a linguagem da antropologia e da observação participante para a *tese* e para *Asylums* (Manicômios, prisões e conventos); linguagem da ecologia para *Comportamento em lugares públicos* (2010); da etnologia social e das ciências

4 As referências utilizadas aqui desse livro serão desta tradução francesa. Na França, *The Presentation of Self in Everyday Life* e *Presentation in Public*, foram traduzidos respectivamente como *La mise en scène de la vie quotidienne: La présentation de soi* e *La mise en scène de la vie quotidienne: La relation en public*. No Brasil existe traduzido apenas o primeiro, traduzido pelo título *A representação do eu na vida cotidiana*.

cognitivas para *Os quadros da experiência* (2011); a sociolinguística e a pragmática para *Façon de parler* (1987).

Posto isto, é a partir do estudo da interação social na vida cotidiana que a sociologia de Goffman encontra um grande debate no interior das teorias sociológicas. Como afirmava Joseph:

Uma série de conceitos maiores da herança goffmaniana não se compreende se não forem relacionados a essa cena elementar da dramaturgia interacionista, quer se trate da copresença ou das formas diagonais de atividades languageiras, quer se trate da natureza dos contrários exercendo sobre uma troca verbal – sistêmicos ou rituais – ou do sentido que se deve acordar à noção de ritual, como propriedade da situação ou como patrimônio de sacralidade, como ‘*ready made expressif*’ ou como veneração. (JOSEPH, 1989, p. 9).

Sobre as influências intelectuais de Goffman, que contribuem para a identificação de sua obra, é importante ressaltar aqui dois pontos: primeiro a tentativa de identificá-la ao interacionismo simbólico, nome dado a uma perspectiva sociológica desenvolvida nos Estados Unidos; segundo, sua vinculação à tradição da Escola de Chicago. Embora a vinculação a esta última seja uma controversa, é justo afirmar a influência dessa tradição sociológica na obra do nosso autor por diversas razões. Como indicativo, sabe-se que Goffman assistiu aos cursos de Blumer o qual desenvolve o pensamento de Mead e forja, em 1937, a noção de interacionismo simbólico, cuja corrente Goffman se recusa a pertencer. Outro elemento importante a observar é que na Escola de Chicago, a pesquisa empírica privilegia o método qualitativo, através de instrumento de coleta de dados com entrevistas ou a observação participante. Nessa perspectiva Goffman pratica amplamente a descrição etnográfica pela observação participante seja em trabalho de campo nas ilhas *Shetland* (Escócia) ou no hospital americano de *Washington Sainte-Elizabeth*, seja quando frequentou os cassinos americanos em Las Vegas. Essa herança não é somente metodológica, mas também, diz respeito aos objetos de pesquisa, como *Asylums* e *A apresentação do eu* indicam.

Entretanto, se é mais confortável e seguro identificar Goffman à tradição da Escola de Chicago (pelos objetos e métodos aplicados oriundos dessa tradição) é mais difícil vinculá-lo ao interacionismo simbólico. Goffman se distancia deste na medida em que ele dá mais importância às “estruturas”, aos “modelos” e às “formas” que governam as interações sociais. Em

contrapartida, ele parece ser pouco sensível à construção da interação e à definição da situação tal como ela resulta dos atores (NIZET, RIGAUX, 2005, p. 81).

Desse modo, não ariscaremos aqui inscrever Goffman como pertencente ao interacionismo simbólico, filiação que ele mesmo contestou. Prefere-se realçar como fez Randall Collins que

seu ponto forte é a microssociologia, mas seu aparato teórico é a teoria durkheimiana dos rituais, mais do que a tradição americana do interacionismo simbólico. Goffman sempre destacou que a estrutura social vem em primeiro lugar, enquanto a consciência subjetiva é secundária e derivada da primeira; até mesmo sua teoria sobre os modos de apresentação do *self* é essencialmente uma discussão do *self* enquanto um mito moderno segundo o qual as pessoas são obrigadas a representar, e não enquanto uma entidade subjetiva que as pessoas possuem de forma privada (COLLINS, 2009, p. 233-234).

A formação do *métier*

Interessa-nos aqui, mais do que reconstituir os dados biográficos de Goffman⁵, indicar sua filiação teórica, que exerce um papel determinante na formação do seu *habitus* intelectual e a constituição do *métier* sociológico.

Erving Goffman nasceu em 11 de junho de 1922, em Mannville, em Alberta (Canadá). Seus pais (Max e Ann), comerciantes de origem judaica, fizeram parte da geração de imigrantes provenientes da Ucrânia, que se instalaram no Canadá, no final do século XIX e início do século XX.

Após seus estudos secundários Goffman faz uma experiência de vários meses no centro de produção de filmes documentários, o *National Firm Board*. Neste centro ele exerce uma profissão, talvez subalterna, mas que o inicia na técnica de produção cinematográfica. Esta experiência, sem dúvida, contribuirá para um dos seus mais importantes livros *Frame Analysis (Quadros da experiência)*, no qual ele emprega uma metáfora cinematográfica.

5 Para melhor conhecimento ou problematização da trajetória social e intelectual de Erving Goffman, podemos nos remeter aos textos de Yves Winkin, Erving Goffman: "Portrait du sociologue en jeune homme". In: GOFFMAN, E. Les moments et leurs hommes: textes recueillis et présentés par Yves Winkin. Seuil/Minuit: Paris, 1988. Em português podemos consultar Yves Winkin, Erving Goffman: o que é uma vida? O incômodo fazer de uma biografia intelectual. In: Erving Goffman: desbravador do cotidiano, organizado por Edison Gastaldo (2004), o qual contém textos de outros sociólogos comentadores ou que foram marcados pela obra de Goffman (por exemplo, H. Becker, Gilberto Velho).

Em 1944, Goffman começa seus estudos de sociologia na Universidade de Toronto onde obtém seu Bacharelado, em 1945. Os estudos de sociologia em nível de mestrado e doutorado são realizados no prestigioso Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade de Chicago. Defende sua tese de doutorado em 1953 (*Communication Conduct in an Island Community*) após um *séjour* de observação numa pequena comunidade agrícola, nas *Ilhas Shetland* (Escócia), e uma pesquisa em dois estabelecimentos psiquiátricos americanos que fornecerá o material empírico para sua obra *Asylums* (Manicômios, prisões e conventos). Recebeu, em 1961, o Maclver Award, um dos mais prestigiosos prêmios em ciências sociais na América do Norte. Seu último texto *The Interaction Order* (A ordem da interação), discurso de posse que deveria ter sido pronunciado na *American Sociological Association* (ASA), para a qual acabara de ser eleito, em 1982, é, segundo Winkin (1988, p. 186), um texto onde Goffman injetou toda sua sociologia e que revela uma grande coerência do seu projeto intelectual. Goffman lecionará sociologia nas universidades de Chicago, Berkeley e Philadelphie, onde morre em 1982. Casou-se duas vezes: a primeira, em 1952, com Angelica Choate, com quem teve o filho Thomas. A segunda, em 1981, agora com a sociolinguista Gillian Sankoff, de quem nasceu Alice Goffman, também socióloga.

Segundo Yves Winkin, a leitura intensiva, essencial para um futuro pesquisador, será adquirida por Goffman desde muito cedo. Grandes autores da sociologia clássica e antropologia social delinearão sua envergadura científica e intelectual, como Émile Durkheim, Radcliffe-Brown, Gregory Beteson, mas também da sociologia alemã como Max Weber, Georg Simmel, Werner Sombart, Karl Mannheim e, mesmo mais discretamente, Freud. Goffman acompanha os cursos de Herbert G. Blummer herdeiro de George Herbert Mead. Trabalha com Lloyd W. Warner, um sociólogo que combina as contribuições da antropologia com a teoria da estratificação social e que orienta seus estudantes a classificar os indivíduos a partir de técnicas corporais: maneira de comer, de fumar, de se vestir. Goffman realiza seu mestrado na perspectiva de Warner, interessando-se sobre os comportamentos cotidianos a partir de uma amostra estatística de esposas de altos funcionários. Mas, é reconhecidamente, Everett Hughes, que marca a vida intelectual de Goffman na tradição da Escola de Chicago⁶. Introdutor da sociologia do trabalho na tradição sociológica

6 Um trabalho coletivo coordenado por Laurent Perreau e Daniel Cefaï intitulado Erving Goffman et l'ordre de l'interaction (2012), resultado de um Colloque International de mesmo título organizado por Laurent Perreau.

de Chicago, Hughes se interessa às “ocupações” e impulsiona seus estudantes em doutorado para fazer observação participante com os trapeiros, agentes de polícia ou empresários das funerárias (NIZET; RIGAUX, 2005, p. 11-12).

A obra de Goffman é substancial, com uma característica bastante peculiar. Ela é fruto de artigos científicos publicados em grandes periódicos americanos, resultados de pesquisa empírica, marcada pela etnografia e a observação participante. Outra grande marca de sua obra é que, por inteiro, ela é consagrada à análise das interações, ou seja, àquilo que se passa quando dois indivíduos, no mínimo, se encontram face a face em presença do outro. Ele se interroga sobre as formas que tomam essas interações, sobre as regras que elas adotam, o papel que os atores sociais colocam em cena, sobre a “ordem” específica que elas constituem (NIZET; RIGAUX, 2005, p. 3). É dessa ordem de interação que trata especificamente o livro *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face* (2011).

Ritual de interação

Não nos interessa aqui resumir o livro de Goffman, *Ritual de interação*. No entanto é importante fazer sobressair algumas categorias centrais, consideradas a partir de leituras, que colocam em perspectiva a relação de Goffman e a tradição sociológica durkheimiana. O objeto de *Ritual de interação* é exposto pelo próprio Goffman na sua introdução:

A classe dos eventos que ocorre durante a copresença e por causa da copresença. Os materiais comportamentais definitivos são olhadelas, gestos, posicionamentos e enunciados verbais que as pessoas continuamente inserem na situação, intencionalmente ou não. Eles são os sinais externos de orientação e envolvimento – estados mentais e corporais que não costumam ser examinados em relação à sua organização social (GOFFMAN, 2011, p. 9).

É essa variedade de interações e ocasiões que levou Pierre Bourdieu, em nota necrológica da morte de Goffman publicada no jornal francês *Le Monde* (4 de dezembro de 1982) a afirmar que este autor teria criado o “infinitamente

Sandra Laugier e Daniel Cefaï, possui um trabalho de fôlego sobre as influências na formação intelectual de Goffman exercidas por Lloyd Warner (“Lloyd Warner, premier mentor d’Erving Goffman”, assinado por Greg Smith e Yves Winkin) e Everett Hughes (“L’énigme de l’institution totale: revisiter la relation intellectuelle de Hughes-Goffman”, de Philippe Vienne).

pequeno”⁷: “Aquilo mesmo que os teóricos sem objetos e os observadores sem conceitos não sabiam perceber e que permanecia ignorado, porque muito evidente, como tudo que é óbvio” (BOURDIEU, 1982).

Vale destacar os dois grandes objetivos do livro fornecido pelo próprio autor: 1) descrever as unidades naturais da interação construídas a partir deles, começando com as menores possíveis – movimento facial breve que um indivíduo pode fazer no jogo de expressar seu alinhamento com aquilo que está acontecendo – e terminando com acontecimentos como conferências de uma semana [...]; 2) descobrir a ordem normativa que vale dentro dessas unidades, e entre elas, ou seja, a ordem comportamental encontrada em todos os lugares povoados, sejam eles públicos, semipúblicos ou privados (GOFFMAN, 2011, p. 9-10).

Imediatamente a isso, Goffman anuncia seu método: a pesquisa será através de uma “etnografia séria”. Ou seja, ele busca “identificar os incontáveis padrões e sequências naturais de comportamento que ocorrem sempre que pessoas entram na presença imediata de outras” (GOFFMAN, 2011, p. 10). Esses elementos são considerados como objeto de estudo, que o autor chama de “sociologia das circunstâncias”.

Outro elemento importante para compreender a *démarche* goffmaniana nesse livro é sua hipótese de que “o estudo apropriado da interação não é o indivíduo e sua psicologia, e sim as relações sintáticas entre os atos de pessoas diferentes mutualmente presentes umas às outras” (GOFFMAN, 2011, p. 10). Essa assertiva indica que contrariamente àqueles que pensam que os indivíduos agem segundo sua “natureza” ou vontade, sua personalidade ou humor, os indivíduos agem numa ordem de interação, numa situação social determinada; daí a importância de se interrogar sobre as qualidades gerais que permitem a esses indivíduos agirem de tal maneira. Dito de outra forma, isso resume o que Goffman chamou de *ordem da interação*. Quando ele se interroga sobre os comportamentos ínfimos, os mais banais dos indivíduos, o que lhe interessa é colocar em evidência as regras subjacentes que estruturam as interações sociais. A necessidade das regras se impõe pelo fato de estarmos vulneráveis na presença do outro, pelo fato dessa presença e dos objetos que

7 Texto publicado em Goffman: desbravador do cotidiano, p. 11-12.

eles carregam consigo que podem agredir nosso eu ou nossos bens. Nós somos igualmente vulneráveis às palavras dos outros que podem atingir nossa estima. Essa vulnerabilidade é um recurso, na medida em que nós temos sobre os outros o mesmo poder que eles têm sobre nós. A vulnerabilidade de cada um na ordem da interação explica a ordem normativa regulando esta última. Assim, as regras são necessárias pelo fato de tornarem possíveis os laços sociais (NIZET; RIGAUX, 2005, p. 34).

Na seção do livro *Ritual de interação*, sobre a *natureza da deferência e do porte*, Goffman critica a negligência de certos sociólogos e antropólogos que, tomando por objeto a significação simbólica nos estudos da sociedade moderna inspirados em Durkheim, não levaram em conta a noção de alma, presente nas *Formas elementares da vida religiosa*. Goffman constrói um conjunto de conceitos para abordar certo número de temas pertencentes à antropologia social. Ele utiliza a expressão *andaimé* para ajudar a expor os conceitos que ele estima fundamentais: a *deferência* e o *porte*. Segundo observa Claudine Haroche (2000, p. 5)

Goffman vê na deferência ao mesmo tempo um conceito designando um tipo de comportamento, um sistema de regras de conduta, e um conceito susceptível de dar conta das interações que subtendem tanto as interações sociais as mais cotidianas, as insignificantes, ‘as mímicas as mais fugazes’, como os funcionamentos institucionais os mais estruturados e os mais visíveis nas sociedades.

Em efeito, o que Goffman busca fazer é traduzir as noções durkheimianas quanto à religião primitiva nesses dois conceitos, a deferência e o porte, para apreender certos aspectos da vida secular e moderna da vida urbana “em que a pessoa recebe um tipo de sacralidade, que é exibido e confirmado por atos simbólicos” (GOFFMAN, 2011, p. 51).

Preparando o terreno para a conceituação desses dois termos Goffman define antes, as regras de condutas, pois essas ligam entre elas as pessoas (ator/receptor) na interação, que ele define como ordem social.

Como descrever as regras, os ritos, na ordem da interação? As regras de conduta servem de guia para a ação que impregna todos os domínios de atividades sociais e se mantêm em nome e em honra de quase tudo aquilo que existe. Elas ocupam o indivíduo de duas maneiras gerais: diretamente como obrigação, coação moral a se comportar de tal maneira; e, indiretamente,

como expectativa daquilo que os outros moralmente são forçados a reagir em relação a eles (GOFFMAN, 2011, p. 53).

Goffman apresenta duas classes de regras de conduta: *simétrica*: as regras onde cada indivíduo tem em relação aos outros as mesmas obrigações e expectativas que os outros em relação a ele. Nesse primeiro caso são a polidez ordinária e as regras de ordem pública. Os mandamentos bíblicos são dessa ordem. A outra classe de regras é *assimétrica*: aquelas que ao contrário, levam os outros a tratar e ser tratados por um indivíduo de forma diferente daquela com que ele trata e é tratado por eles. Por exemplo: o médico dá orientações às enfermeiras, mas a recíproca não é verdadeira (GOFFMAN, 2011, p. 56).

Ainda fundamentado em Durkheim, Goffman distingue entre as classificações das regras de condutas dois tipos: as regras “substanciais” cujo conteúdo tem importância (por exemplo, não furtar) e as regras cerimoniais, cujo objeto pode parecer secundário, às vezes insignificante (exemplo, aquilo que chamamos de etiqueta), mas que permitem ao indivíduo expressar o valor que ele reconhece nos outros e nele mesmo (GOFFMAN, 2011, p. 56-57). Goffman estuda especialmente as regras cerimoniais, considerando que, por trás da aparente insignificância, se esconde a preocupação de um valor moral e social essencial, que é o respeito da fachada dos indivíduos (NIZET; RIGAUX, 2005, p. 34). Em efeito, o respeito das regras se assemelha para Goffman a um ritual para Durkheim, quer dizer “a um ato formal e convencionalizado pelo qual um indivíduo manifesta seu respeito e sua consideração em relação a um objeto de valor absoluto, a esse objeto ou ao seu representante” (GOFFMAN, 2011, p. 73). Para Goffman, as sociedades segundo as regras de cerimonial impregnam cada tipo de interação de uma determinada duração, ou então, segundo a expansividade e os detalhes das formas observadas.

Cabe aqui uma observação: na obra de Goffman a formulação das regras não está sistematizada (NIZET; RIGAUX, 2005, p. 34). O conjunto das regras é apresentado em vários dos seus livros; *Ritual de interação* (2011) que se completa com outros livros essenciais como *La mise en scène de la vie quotidienne: relations en public* (2000); *Comportamento em lugares públicos* (2010) e *Façon de parler* (1987).

Para Goffman o que constitui a regra fundamental que todo indivíduo deve respeitar desde o momento em que este entra em interação com outros, é

“preservar sua fachada e a dos outros” (Cap. 1: “*Sobre a preservação da fachada: uma análise dos elementos rituais na interação social*”). Esta regra fundamental exige, na presença dos outros uma atenção ao que se passa; ou seja, que mostremos um engajamento na interação que pode variar em virtude do tipo de interação no qual se está implicado.

A noção de regra, assim como a noção de alma (que veremos a seguir), cujos argumentos Goffman os fundamenta a partir da sociologia durkheimiana, são fundamentais para a compreensão dos elementos rituais na ordem da interação.

Retorno à noção de alma em Durkheim

Nas *Formas elementares da vida religiosa*, Durkheim após estudar os princípios fundamentais da religião totêmica, estuda a noção de alma, pois para ele “assim como não existe sociedade conhecida sem religião, também não existe sociedade, por mais grosseira que seja a sua organização, na qual não se encontre todo um sistema de representações coletivas que se relacione com a alma [...]” (DURKHEIM, 1998, p. 343). O campo delimitado para este estudo é o de um grupo determinado de sociedades observadas com precisão, do centro australiano. Para Durkheim, a noção de alma é uma noção estrita da religião. É um protótipo a partir do qual os outros foram construídos (DURKHEIM, 1998, p. 343). “é uma aplicação particular das crenças relativas aos seres sagrados” (DURKHEIM, 1998, p. 375). A alma apresenta também um caráter de imortalidade: “aí se encontra o caráter religioso que essa ideia tem apresentado desde que ela apareceu na nossa história. A alma foi sempre considerada como uma coisa sagrada; a esse respeito ela se opõe ao corpo, que é profano” (DURKHEIM, 1998, p. 375).

A alma, como individual, “não é senão uma porção da alma coletiva do grupo; é a força anônima que está na base do culto, mas encarnada num indivíduo cuja personalidade assume; é o *mana* individualizado”, segundo Durkheim (2008, p. 378).

Neste capítulo consagrado à noção de alma, Durkheim forja também a noção de personalidade, que segundo ele, a compreensão da gênese social da primeira (alma), ajudaria na compreensão e explicação da constituição da segunda (personalidade). Buscaremos resumir seu propósito da seguinte forma: Uma noção é uma categoria universal e a noção de pessoa é produto de

dois fatores: um é essencialmente impessoal: é o princípio espiritual que serve de alma à coletividade. Não é coisa de ninguém em particular: faz parte do patrimônio coletivo; nele e por ele, comungam todas as consciências. O outro fator que intervém e que é necessário para que haja personalidades separadas é o fator individuação: é o corpo impessoal fragmentado que exerce esse papel. Os corpos são distintos uns dos outros. Eles ocupam o espaço e o tempo. Cada um constitui um meio especial onde as representações coletivas vêm se refratar e se colorir diferentemente (DURKHEIM, p. 387). Como se vê, o coletivo é inseparável do individual, mas o individual não outra coisa senão o coletivo. O indivíduo é representado pela conversão da coletividade. Como dizia Edward Sapir (1967, p. 37) a palavra “social” não se opõe ao “individual”. Para Goffman, o sociólogo francês “sugere que a personalidade individual e que os ritos realizados para representações da coletividade social às vezes serão realizados para o próprio indivíduo” (GOFFMAN, 2011, p. 51).

Na sequência desta exposição, Durkheim relembra que essa maneira de conceber a alma é uma elaboração filosófica tardia. No entanto, a ideia de alma foi por muito tempo e continua em parte, a forma popular da ideia de personalidade. Ele reconhece que Leibniz é, de todos os filósofos, aquele que teve o mais expressivo sentimento do que é a personalidade; porque a mônada é, antes de tudo, um ser pessoal e autônomo. Para Leibniz, o conteúdo de todas as mônadas é idêntico. Todas são consciências que exprimem um só e mesmo objeto, o mundo; e como o mundo é um sistema de representações, cada consciência particular não é, em suma, senão um reflexo da consciência universal. Durkheim observa ainda que Kant tem a mesma percepção. Para este o elemento principal da personalidade é a vontade. Esta, para Kant, é a faculdade de agir conforme a razão, e a razão é o que há de mais impessoal em nós. Pois a razão não é minha razão; é a razão da humanidade em geral (DURKHEIM, 1998, p. 387).

Cabe ainda lembrar aqui que no *Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire des mots* (ERNOUT; MEILLET, 1985), o termo *persona-ae f.*, designa na sua origem máscara dos atores de teatro, e em sequência, com o desenvolvimento do sentido que reproduz em parte o desenvolvimento do grego, a palavra significa o “papel atribuído ao máscara, caráter, personagem” e “pessoa”, presente já em Cícero. A noção tem uma tríplice fonte histórica: jurídica, religiosa e moral: a) em direito romano, se aplica a qualquer um

que tem uma existência civil que possui direitos em oposição ao escravo, sem direitos; b) para o estoicismo (Marco Aurélio) o termo pessoa assume a função assegurada pela Providência a cada homem na vida; c) na tradição judaico-cristã, de um lado o Antigo Testamento, é prescrito o amor de todos os homens, mesmo os estrangeiros, o socorro à viúva, ao órfão, ao oprimido, ao pobre, ao faminto. Os Evangelhos, por outro lado, retomam o dever de caridade universal, mas vão além, identificando o amor ao próximo ao amor a Deus (MORFAUX, 1980; MORFAUX; RAFFIN, 1977).

Encontraremos também um trabalho importante de Marcel Mauss “*Une catégorie de l’esprit humain: la notion de personne celle de ‘moi’*”, acessível no volume *Sociologie et Anthropologie* (1997, p. 331-362). A leitura de Goffman também se fundamenta nos trabalhos de Mauss. É importante aproximarmos essas duas *démarches* de trabalho etnográfico que se correspondem. Enquanto o método de Mauss se fundamenta nos trabalhos etnográficos sobre as sociedades ditas “primitivas”, o trabalho de Goffman utiliza o mesmo método etnográfico se referindo às sociedades americanas contemporâneas. Desse modo, podemos aferir que os aspectos das sociedades estudadas por Mauss são os mesmos que descobrimos nas sociedades contemporâneas. Por isso se percebe um conjunto de conceitos que aparecem tanto na obra de Mauss, como na obra de Goffman: máscaras, pessoa, representações coletivas, alma, “*A expressão obrigatória dos sentimentos*” etc.

A deferência: os ritos e a sacralidade do indivíduo

Discutiremos agora sobre a “*deferência*” e o “*porte*”, dois termos-chave da trama social no ritual de interação.

A deferência, como a palavra mesmo sugere, é uma consideração respeitosa que testemunhamos a alguém. Goffman define-a como um componente simbólico da atividade humana cuja função é expressar nas regras a um ator a apreciação consagrada sobre ele mesmo ou sobre alguma coisa da qual ele é o símbolo, extensão ou agente. São signos de devoção graças aos quais um ator (indivíduo) celebra o receptor; as vezes é um objeto ou um ídolo. As manifestações as mais visíveis dessa atividade cerimonial são sem dúvida as saudações, os cumprimentos e as desculpas que pontuam as relações sociais e que podemos designar pelo nome de “ritos estatutários” ou ainda de “ritos impessoais”. O termo “rito”, atividade simples e secular é empregado por Goffman, porque

ele “representa, como ele mesmo observa, uma forma pela qual o indivíduo precisa proteger e projetar as implicações simbólicas de seus atos enquanto estiver na presença imediata de um objeto que tenha um valor especial para ele” (GOFFMAN, 2011, p. 60). Goffman retoma a fórmula de Radcliffe-Brown, para quem um rito é um

conjunto de observâncias positivas e negativas, de abstenções e outras ações engendradas pela religião ou o culto religioso. Existe uma relação ritual sempre que uma sociedade impõe para seus membros algum grau de respeito expresso por um modo de comportamento tradicional com referência a esse objeto (GOFFMAN, 2011, p. 60).

Entre as inúmeras formas que podem tomar a deferência, Goffman considera duas principais: os ritos de evitação, uma forma de deferência que incitam o ator a manter distância do receptor a fim de não violar a “esfera ideal” que está ao redor do receptor (GOFFMAN, 2011, p. 65).

O outro tipo de deferência são os ritos de apresentação. Estes compreendem todos os atos específicos pelos quais o indivíduo faz o receptor saber como ele o considera e como o trata no curso de uma interação futura. As regras que regem essas práticas rituais são feitas de prescrições específicas e não de proscições: se os ritos de evitação indicam o que não se deve fazer, os ritos de apresentação especificam o que se deve fazer.

Os ritos de apresentação como marca da deferência, tomam comumente quatro formas: saudações, convites, elogios e pequenos serviços que são meios utilizados pelo receptor para afirmar que ele não está isolado e que os outros participam ou desejam participar de suas preocupações. No seu conjunto, esses ritos permitem detectar simbolicamente até que ponto o receptor não foi fechado ou obstruído aos outros (GOFFMAN, 2011, p. 74).

A partir dessas duas formas de deferência, ritos de evitação e de apresentação, Goffman indica uma oposição e um conflito entre elas, porque em certas situações existem coisas que devem ser ditas e feitas em relação ao receptor e outras não. O autor retoma uma fórmula de Durkheim em *Sociologie et Philosophie* (1974, p. 51): “a personalidade humana é uma coisa sagrada; não ousamos violá-la nem infringir suas fronteiras, enquanto ao mesmo tempo o maior bem é está em comunhão com os outros”. O que temos aqui é a expressão do aspecto dialético das relações sociais:

Como uma implicação desse dilema, precisamos perceber que o intercuro social envolve uma dialética constante entre rituais de apresentação e evitação. É preciso manter a tensão peculiar, pois esses requerimentos opostos da conduta precisam, de alguma forma, ser separados um do outro e apesar disso realizados juntos na mesma interação: os gestos que levam um ator para um receptor também precisam significar que as coisas não serão levadas longe demais (GOFFMAN, 2011, p. 77).

Referindo-se ao trabalho antropológico de Durkheim, Goffman mostra como no contexto do mundo contemporâneo, reputado por sua secularização, o indivíduo torna-se valor sagrado por excelência. No entanto, porque ele é sagrado ele pode também ser profano. Todo rito pode produzir um rito inverso pelo qual se pode injuriar a sacralidade da fachada do outro e, conseqüentemente, a sua própria fachada. A profanação, assim como a sacralidade, passa por códigos padronizados (“dar a língua”, “fazer careta”, “injuriar”...).

O porte: a dimensão moral da vida em sociedade

O “porte”, segundo a definição de Goffman,

é um elemento do comportamento cerimonial do indivíduo tipicamente comunicado através da postura, vestuário e aspecto, que serve para expressar àqueles na presença imediata dele que ele é uma pessoa de certas qualidades desejáveis ou indesejáveis. Em nossa sociedade, o indivíduo de porte ‘bom’ ou ‘apropriado’ demonstra atributos como: discrição e sinceridade; modéstia em afirmações sobre o eu; espírito esportivo; controle sobre suas emoções, apetites e desejos; aprumo sob pressão; e assim por diante. (GOFFMAN, 2011, p. 78).

Decorre desta definição que, no fundo, trata-se de uma reformulação mais operacional de uma regra dupla do “amor-próprio” e da “consideração”. O “amor-próprio”, o cuidado em preservar a fachada, se exprime no “porte”, pela “postura, o vestuário e o aspecto”, através dos quais devemos manifestar aos outros nossas qualidades.

Em efeito, o que conta para Goffman, não é um estudo de uma sociedade ou comunidade, mas os ritos que nela são produzidos: ritos de celebração, de cumprimentos, ritos de abertura ou mesmo de saudações, signos de devoção, todos esses elementos que servem de *mise en scène* e que revelam características simbólicas do outro. Toda interação dá, assim, ocasião a múltiplas cerimônias, afirmação da ordem social que, de alguma maneira é *mise en scène*. Em John Austin, a saudação é um ato descrito como uma fórmula consagrada,

de tipo ritual ou cerimonial: saudar é um ato convencional que visa render homenagem ao destinatário da fórmula (CONEIN, 1969, p. 208). Em outras palavras, trata-se de uma autocelebração. Cabe aqui a afirmação do próprio Goffman:

Talvez o indivíduo seja tão viável como um deus porque ele pode realmente compreender a importância cerimonial da forma em que é tratado, e, sozinho, pode responder dramaticamente àquilo que lhe é oferecido. Nos contatos entre tais divindades não é necessário intermediários; todos esses deuses são capazes de ser seu próprio sacerdote (GOFFMAN, 2011, p. 94).

O modo de expressão dessa sacralidade é a ritualização. É exatamente isso que recobre do início ao fim, o livro *Ritual de interação*. Entre esses ritos de interação, podemos incluir um conjunto de “gestos tidos como vazios”, que Claude Javeau, sociólogo belga, nomeia de “micro-rituais”. Trata-se de incluir na categoria microrrituais de saudações em ocasiões de encontros banais e fortuitos, os “apertos de mãos” nos encontros matinais no lugar de trabalho, as palavras dirigidas de maneira recorrente nas feiras livres e supermercados, nos transportes coletivos, como “bom dia”!, por exemplo (ritos de representação); ou quando nos “anulamos” na passagem de uma porta para que a outra pessoa passe primeiro, o silêncio e o respeito daquele que dorme (ritos de evitação). Para Javeau, esses atos de apresentação e de evitação, sugerem uma funcionalidade instrumental. Mas ao lado dessa funcionalidade se expressa, também, um aspecto simbólico que contribui a conferir um sentido ao gesto e às palavras pronunciadas. Esse aspecto simbólico determina a situação ritual dessas atividades (JAVEAU, 1998, p. 30-32).

Um quadro comparativo dos ritos em Goffman-Durkheim

É importante retornar às análises dos ritos tais como eles aparecem em Durkheim e as formas como Goffman as toma para si. No livro *La mise en scène de la vie quotidienne: La relation en public*, que completará as análises de *Ritual de interação*, Goffman revisita a análise durkheimiana dos ritos observando uma distinção estruturante da sociologia da religião de Durkheim: ritos positivos, que são baseados nas obrigações, e ritos negativos, que repousam nos interditos ou proibições (Livro III de *As Formas elementares*). Os ritos negativos, Durkheim os entende como ritos ascéticos de mortificações e por ritos positivos o sacrifício (ou rito oblatório), os ritos miméticos e os ritos

comemorativos. Goffman sintetiza essa tipologia do rito em Durkheim da seguinte forma:

Na sua célebre análise da religião, Durkheim divide o ritual em duas classes: ritual positivo e ritual negativo. O tipo negativo significa interdição, evitamento, separação. É disso que falaremos quando consideramos as reservas do eu e o direito à tranquilidade. O ritual positivo consiste em render homenagem de diversas maneiras para diversas oferendas, o que implica que o doador se encontre de uma certa maneira próximo do receptor. A tese clássica é que esses ritos positivos afirmam e confirmam a relação social que une o doador ao receptor. Faltar a um rito positivo é uma afronta; a um rito negativo, uma violação. (GOFFMAN, 2009, p. 73).

É a partir dessa distinção durkheimiana que Goffman estrutura seu livro *Relation en public*. Os ritos positivos equivalem para ele as “trocas confirmativas” (“échange confirmatifs”) e os ritos negativos correspondem às “trocas reparadoras” (“échange réparateurs”). A análise dessas duas ordens de rito, segundo observa Frédéric Keck (2004), nos permite encontrar o problema que é comum a Durkheim e Goffman, que nos parece ser a relação entre a estrutura jurídica da troca e o objeto de direito nas interações sociais ordinárias.

Assim, as trocas confirmativas objetivam mostrar a um participante do jogo, que uma troca está em curso e que os dois atores respeitam mutuamente o papel que eles estão encarregados de exercer: isso indica que eles confirmam que a troca está acontecendo, que nesse instante tem lugar, uma interação social. Goffman cita o exemplo de duas pessoas que podem se encontrar, e, mesmo sem se conhecerem lançarem uma troca verbal tal como: *Bonjour!* – *Bonjour!* – *Ça va?* – *Ça va, merci. Et vous? Ça va, merci*” (GOFFMAN, 2000, p. 89). A expressão, vazia de sentido meteorológico, além de servir para exorcizar uma violência num cenário perigoso que é o espaço público (cidade) e num mundo desconhecido, serve, sobretudo para que os atores confirmem que eles se consideram reciprocamente como pessoas humanas (civis) e se rendem uma pequena homenagem (caráter sagrado da pessoa). Essa troca pode se interromper, ou engendrar um outro ciclo, por exemplo, um demandar ao outro um serviço de maneira mais respeitosa. Isso nos remete, como o próprio Goffman cita, a um sistema de trocas recíprocas de dom e contra-dom, prestação e contraprestação, segundo a perspectiva de Marcel Mauss.

As trocas reparadoras acontecem quando uma regra de civilidade foi violada e os atores buscam reparar o dano causado, recorrendo a uma situação de troca do tipo confirmativo. Por exemplo: *A marche sur le pied de B; A diz*

“*Excusez-moi*; B responde: “*Pas de quoi*”. Se a interação se reestabelece, o caráter sagrado da pessoa assim violado pela frase, “*Pas de quoi*”, um ciclo de troca confirmativa pode deslançar e uma “*mise en scène*” teatral iniciar.

As trocas confirmativas, para Frédéric Keck tomam formas jurídicas: são pequenos processos cotidianos que os atores sociais dirigem uns aos outros, endossando, ora os papéis de vítimas, ora os papéis de acusados. Desse feito, os ritos da vida cotidiana não são somente uma maneira de inventar em permanência o social nas trocas recíprocas de sinais de respeito; eles são também formas violentas de acusação e de respostas, através das quais os atores se julgam uns aos outros cotidianamente (KECK, 2004, p. 14).

Goffman classifica ainda essas trocas reparadoras da seguinte forma: dois processos diferentes e independentes. Um é ritualista: descreve as relações usuais do ofensor virtual às regras que suas ações parecem ter infringido e às pessoas da quais as regras teriam protegido os territórios. O segundo é restitutivo: ele atribui ao ofendido uma certa compensação por aquilo que foi cometido em relação a ele, e por conseguinte, em relação às regras que deveriam tê-lo protegido. Essa análise nos remete, novamente a outra obra clássica durkheimiana. Na *Divisão do trabalho social*, Durkheim distingue o direito repressivo, próprio das sociedades ditas primitivas, pelo qual toda comunidade se une contra a ameaça do indivíduo transgressor da regra, e que serve ainda ao direito penal; e o direito restitutivo, característico das sociedades modernas, e sobre o qual se apoia o direito civil, segundo o qual a punição da falta consiste a voltar ao estado anterior, preservando a existência social do ofensor.

A articulação das duas análises dos ritos a partir do que foi descrito pode ser resumido no seguinte:

O conjunto da evolução do direito é recapitulado na menor interação da vida cotidiana: toda interação social estando potencialmente ameaçadora, os atores podem escolher entre um ritual repressivo visando ressituá-los cada um no seu território, um ritual restitutivo que repara a ofensa e reconhece a existência da regra instituindo as pessoas numa troca recíproca, e um rito confirmativo que estabelece de imediato a troca no respeito das pessoas. Estamos, assim, no âmbito de uma análise estrutural das formas jurídicas da vida cotidiana, que estabelece para cada situação o conjunto dos idiomas rituais possíveis (KECK, 2004, p. 15).

Frédéric Keck observa que Goffman não se refere aos ritos piaculares, que na sociologia da religião de Durkheim ganha um lugar fundamental. São os ritos através dos quais os indivíduos manifestam com tristeza e gravidade a

perda do objeto sagrado e que podem ser descritos como ritos de luto. Esses ritos não podem ser descritos nem como positivos nem como negativos, e, nesse sentido, são fundamentais, uma vez que constituem como ritos absolutos, que se situam mais próximos do objeto sagrado. Esses ritos, em Durkheim, indicam um caráter ambivalente do sagrado, pois eles celebram a morte do objeto sagrado. Segundo atesta Keck,

Para Durkheim, foi preciso que a sociedade morresse para que nascessem os indivíduos como pessoas separadas; está aí a origem de todos os ritos que evocam a presença da sociedade a ela mesma ao mesmo tempo de sua morte. Em Goffman, foi preciso que a pessoa morresse para que os atores sociais nascessem como personagens diferentes, no sentido de que, foi fazendo o luto de uma pessoa, absolutamente presente a ela mesma e exprimindo a ela mesma todas as possibilidades que foi possível uma interação social assumindo um personagem social excluindo os outros papéis possíveis (KECK, 2004, p. 15-16).

Concluimos essa seção, com a afirmativa de Winkin, segundo a qual, em Goffman, “toda interação convoca a sociedade por inteiro, pelo fato de que ela funciona sobre os mesmos princípios” (WINKIN, 2001, p. 113).

A partir do exposto, podemos esboçar um quadro comparativo dos ritos tais como descritos por Goffman decalcados a partir da tipologia durkheimiana:

Quadro I - Comparativo dos ritos em Goffman e Durkheim

Durkheim	Ritos positivos	Ritos negativos	Ritos piaculares: nem negativo, nem positivo.
	Ciclo do dom e contradom (Mauss)	Direito repressivo; Direito restitutivo	Cerimônia do luto
Goffman	Trocas confirmativas (trocas simbólicas: ator/receptor)	Trocas reparadoras: ritualista; restitutiva	Ritos de asilo

Fonte: Autor, adaptado de Keck, 20048.

Considerações finais

Como vimos ao longo deste artigo, para Goffman os ritos de interação são ocasiões de afirmar a ordem moral e social. Num encontro face a face, cada

8 Inspirado e adaptado a partir de Keck (20040), mas modificado na distribuição dos tipos de rituais.

ator social busca fornecer dele uma imagem valorizada, a “face” ou valor social positivo que uma pessoa reivindica efetivamente através da linha de ação que os outros supõem que ela adotou no curso do contato particular. As noções de *deferência* e *porte* que Goffman utiliza para apreender certos aspectos da vida secular e moderna no mundo urbano, no qual a pessoa se vê um objeto sagrado através dos atos simbólicos, traduzem as noções durkheimianas quanto à religião primitiva, expostas n’*As Formas elementares*. Buscou-se acentuar aqui dois aspectos: os ritos e a sacralidade do indivíduo de uma parte, e a dimensão moral da vida em sociedade, de outra.

Em efeito, o cotidiano é lido como um conjunto de atos e acontecimentos sagrados. Neste sentido a relação de Goffman com Durkheim é evidente. Nas *Formas elementares de vida religiosa*, as manifestações rituais dos aborígenes australianos fundavam simbolicamente sua sociedade. Em Goffman, em toda sua obra, mas especificamente em *Ritual de Interação*, qualquer que seja a atividade em curso, profana ou material que ela pareça, pode ser ocasião de múltiplas pequenas cerimônias, desde o momento em que outras pessoas estão presentes. “Os gestos que às vezes nós chamamos de ‘vazios’, talvez sejam, na realidade, as coisas mais cheias que existem” (GOFFMAN, 2011, p. 90).

A preocupação de Goffman ao longo dos anos foi, segundo Yves Winkin (1988), promover a aceitação desse domínio do face a face como um domínio analiticamente viável, um domínio que poderia ser nomeado, por falta de expressão melhor, de “ordem da interação”, um domínio cuja análise preferida é a microanálise.

Referências

BOURDIEU, P. “La mort du sociologue Erving Goffman: le décrouveur de l’infiniment petit”. In: **Le Monde**, 4 déc. 1982.

_____. Goffman, o descobridor do infinitamente pequeno. In: **Erving Goffman: desbravador do cotidiano**. Edison Gastaldo (Org.). Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004.

CEFAÏ, D.; PERREAU, L. (Orgs.). **Erving Goffman et l’ordre de l’interaction**. CURAPP-ESS/CEMS-IMM, 2012.

COLLINS, R. **Quatro tradições sociológicas**. Petrópolis: Vozes, 2009.

CONEIN, B. "Pourquoi doit-on dire bonjour? (Goffman relu par Harvey Sacks)". In: **Le parler frais d'Erving Goffman**. Robert Castel; Jacques Cosnier; Isaac Joseph (sous la direction). Paris: Les Éditions de Minuit, 1989.

DURKHEIM, É. **Les formes élémentaires de la vie religieuse**. Paris: P.U.F., 1998.

_____. **De la division du travail social**. Paris: P.U.F., 1998.

_____. **Sociologie et philosophie**. Paris: P.U.F., 1974.

ERNOUT A.; MEILLET, A. **Dictionnaire étymologique de la langue latine**: histoire des mots. Paris: Éditions Klincksieck, 1985.

GOFFMAN, E. **Ritual de interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. **La mise en scène de la vie quotidienne**. 1. La présentation de soi. Paris: Les Éditions de Minuit, 1973.

_____. **La mise en scène de la vie quotidienne**. 2. Les relations en public. Paris: Les Éditions de Minuit, 2000.

_____. **Comportamento em lugares públicos**. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. **Façon de parler**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1987.

_____. **Les moments et leurs hommes**. Textes recueillis et présentés par Yves Winkin. Paris: Seuil/Minuit, 1988.

HAROCHE, C. Le comportement de déférence: du courtisan à la personnalité démocratique In La déférence. **Communications**, Paris, Seuil, n. 69, p. 5-26, 2000.

JAVEAU, C. **Prendre le futile au sérieux**. Paris: Cerf, 1998.

JOSEPH, I. **Erving Goffman et la microsociologie**. Paris: P.U.F., 1998.

KECK, F. **Erving Goffman et les rites de la vie quotidienne**. In: <<http://stl.recherche.unilille3.fr/seminaires/philosophie/macherey2004/keckGoffman.html>>. Data de acesso: 22/03/2016, 23h10.

MASQUELIER, B. Goffman et l'ethnographie des façons de parler: S'excuser d'une note sur la scène du Town Hall de New York, un soir de décembre 1946. In: CEFAÏ, D. ; PERREAU, L. (Org.). **Erving Goffman et l'ordre de l'interaction**. CURAPP-ESS/CEMS-IMM, 2012.

MASQUELIER, B. Anthropologie et langage: décrire des situation d'interlocution. In: CANUT, C.; MÜNCHOW von, P. **Le langage en sciences humaines et sociales**. Paris: Lambert-Lucas, 2015.

MAUSS, M. **Sociologie et anthropologie**. Paris: P.U.F., 1997.

MORFAUX, L.-M. **Vocabulaire de philosophie et sciences humaines**. Paris: Armand Colin, 1980.

NIZET, J.; RIGAUX, N. **La sociologie de Erving Goffman**. Paris: La Découverte, 2005.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. **Structure et fonction dans la société primitive**. Trad. De François et Louis Marin, presentation, index et notes de Louis Marin. Paris: Les Éditions de Minuit, 1968.

RAFFIN, F. et MORFAUX, L.-M. **La pratique et les fins**: cours Morfaux de philosophie. Paris: Armand Colin, 1977.

SAPIR, E. **Anthropologie**. 1. Culture et personnalité. Trad. Christian Baudelot et Pierre Clinquart. Paris: Les Éditions de Minuit, 1967.

WINKIN, Y. Erving Goffman: portrait du sociologue en jeune homme. In: GOFFMAN, E. **Les moments et leurs hommes**. Textes recueillis et présentés par Yves Winkin. Paris: Seuil/Minuit, 1988.

_____. **Antropologie de la communication**: de la théorie au terrain. Paris: Seuil, 2001.

_____. Erving Goffman: o que é uma vida? O incômodo fazer de uma biografia intelectual. In: **Erving Goffman**: desbravador do cotidiano. Edison Gastaldo (Org.). Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004.

Rituals of Interaction in Everyday Life: Goffman, Durkheim player

Abstract

This article proposes an exegesis of Goffman's affiliation to Durkheim's sociology, relating two works: Interaction Ritual and The Elementary Forms of Religious Life. He emphasizes two aspects that estimate present in both authors: the rites and the sacredness of the individual and the moral dimension of life in society. For Goffman the interaction rites are occasions to affirm the moral and social order. In a face-to-face, each social actor seeks to provide him a prized image, the "face" or "positive social value a person effectively claims by line of action that others assume that it adopted in the particular contact course." In Interaction Ritual, Goffman critical sociologists and social anthropologists who, being engaged in the symbolic significance of modern society from Durkheim, did not take into account the notion of soul, present in the Elementary Forms

of Religious Life. After identifying the intellectual and scientific influence in the formation of habitus and sociological métier Goffman, the text proposes to examine notions such rules, soul, rites, deference and the size necessary for the understanding of the social fabric in the order of interaction. It follows exposing a comparative table of the rites as described by Goffman modeled from Durkheim's typology. It is expected that the reading of Goffman the light of Durkheim is an access road to the sociology of the first, and a way to update the contributions of the second reading of the social fabric of everyday life.

Keywords: Interaction Ritual. Face. Rules. Rites. Deference and size.

Recebido em 08/01/2016

Aceito em 22/11/2016